

Contornei os comentários e dei prosseguimento à aula buscando trazer a discussão para a realidade dos alunos, mais precisamente, a cidade de Guarabira. Sendo assim, perguntei se na cidade havia fábricas, como eram as condições de trabalho, onde ficavam localizadas as fábricas, qual era o tipo de mão-de-obra empregada. Ao mesmo tempo falava da história local procurei estabelecer uma analogia entre o tempo presente e o tempo passado. Esse exercício facilitou o entendimento dos alunos. Encerrei a discussão e antes de concluir a aula deixei uma questão para que os alunos respondessem em casa. A questão era: No contexto em que vivemos, qual é o setor industrial que mais cresce no mundo? E por quê?

Enquanto despedia-me da turma, um dos rapazes presenteou-me com um chocolate, agradei e em seguida sai da sala já que o tempo tinha terminado. Fora da sala percebi que estava afônica, creio que o motivo tenha sido o fato de manter minha voz elevada durante muito tempo na tentativa de sobrepor o barulho feito por uma turminha sentada no final da sala desejosa de atrapalhar o andamento da aula. Essa mesma turma, apesar das brincadeiras constantes, também participava das discussões.

Depois desse encontro, retornei a escola na segunda-feira, dia 17 de maio de 2010, para ministrar a terceira e quarta aula. Neste dia eu estava muito tranqüila. Quando cheguei ao colégio encontrei a professora Fátima que havia acabado de chegar do hospital onde estava acompanhando um familiar hospitalizado, falou que havia vindo à escola apenas para informar-me que infelizmente não poderia ficar durante a aula, pois estava muito cansada. Agradei a preocupação em avisar-me. Nossa conversa encerrou-se rapidamente porque o sinal tocou.

Dirigi-me para sala, ao entrar fui recebida carinhosamente por um garoto chamado Rodrigo, disse-me que naquele instante havia chegado a sua professora preferida. Fiquei muito feliz ao ouvi-lo e senti-me mais tranqüila ainda na hora da aula. Cumprimentei o restante da turma, em seguida comecei a aula recolhendo a questão proposta na aula anterior sobre a Revolução Industrial. Depois das tarefas recolhidas, entreguei uma charge contendo um diálogo entre proprietário da fábrica e um amigo do mesmo. Solicitei dois voluntários para lê-la. A primeira leitura foi acompanhada por piadinhas de alguns colegas dificultando a discussão da charge. Convidei mais dois alunos,

dessa vez uma garota e um garoto aceitaram, esse exercício de pedir para os alunos lerem fez-me perceber que a turma gostava de participar, pois sentiam-se úteis e inseridos na construção da aula. Após a segunda leitura, comecei a questioná-los sobre a relação patrão e empregado no sentido financeiro. Perguntei sobre a nossa realidade, isto é, se hoje trabalhamos para enriquecer os patrões e se recebemos um salário justo pelo trabalho que fazemos.

Todos queriam comentar um pouco, pois se tratava de algo que acontecia na vida deles ou na dos pais, trabalhavam bastante para serem mal remunerados. Em meio à polêmica, apresentei um cartaz com duas gravuras⁸ retratando fábricas em funcionamento em uma delas apareciam mulheres trabalhando e na outra crianças e pedi para comentarem as imagens. Os alunos destacaram a inserção da mulher no mercado de trabalho, as más condições de trabalho, a falta de leis trabalhistas amparando o operário.

Neste dia, ao longo da aula observei que aquela turma, mesmo tendo alguns alunos agitados, era carente de atenção, pois em meio ao debate eles relatavam fatos do próprio cotidiano. Depois de perceber isso, comecei a ouvi-los com atenção. Suas histórias tratavam de injustiças acontecidas no ambiente de trabalho, da relação patrão-empregado. Ouvei os relatos não apenas como desabafo, busquei fazer uma ligação com o assunto discutido por nós, fiz esse exercício porque acredito que o presente lança questões ao passado, e a realidade do aluno deve ser levada em consideração durante o processo de ensino e aprendizagem. Em meio aos comentários, Rodrigo falou que a turma gostava de mim, porque eu os deixava contar suas histórias pessoais.

Em seguida, comecei a falar sobre os movimentos realizados pelos trabalhadores como o ludismo e o cartismo, assunto iniciado na aula anterior. Analisamos esta temática observando os benefícios trazidos por ela e comparando a outros movimentos acontecidos após esse período. Perguntei aos alunos se havia semelhanças entre essas reivindicações e as dos trabalhadores nos dias atuais. Um rapaz falou do sindicato e das conquistas realizadas em benefício dos trabalhadores. A turma continuou participando da aula, mas dessa vez com um pouco de ansiedade, pois passava das 21:30 horas e aproximava-se da hora de terminar a aula. Algumas meninas moravam na zona rural, por isso, precisavam sair um pouco mais cedo para pegar o ônibus.

Encerrei resumindo o que havíamos discutido, em seguida, entreguei uma atividade com cinco questões. Expliquei que deveriam responder com suas próprias palavras colocando no papel suas idéias e argumentos. Pedi

⁸ As gravuras estão no final da Segunda Parte do Relatório.

para entregarem a professora Fátima Rufino. Despedi-me da turma dizendo que foram muito bons os momentos passados juntos.

Contudo fui escalada novamente no dia 11 de Junho de 2010 para mais duas aulas na turma do 2ºano do ensino médio juntamente com a minha colega Ednalva onde preparamos toda uma aula com material didático, charge e um trecho de um filme, em torno da temática da Ditadura Militar, mas devido a um imprevisto não foi possível desenvolver a mesma, já que o ônibus da cidade onde moro (Solânea – PB) não foi no dia programado para a aula, devido a uma fatalidade ocorrida com funcionários solanenses e cidadãos da mesma.

O período de estágios foi concluído na reunião realizada entre nós, estagiários e a professora de Prática Pedagógica IV, Marisa Tayra. O espaço da reunião foi reservado para trocarmos experiências vividas na escola durante o estágio. Nesse instante, percebi o quanto a prática docente havia se tornado importante para mim, pois ela mostrou-me que sou capaz de superar as minhas dificuldades. E muitas desses enfrentamentos só foram possíveis porque Marisa falava da importância de vencer o medo de entrar em uma sala de aula, o medo de expor-se diante dos alunos.

Medo bastante presente em mim e que em alguns momentos fazia meu coração bater aceleradamente ao pensar na possibilidade de ministrar aula. Entrar na sala, ver cumprimentar a turma e falar para a mesma foi resultado de uma luta contra o medo. Depois desse embate, entendi que não devemos nos apavorar diante dos desafios, mas enfrentá-los. Ao final da reunião nos despedimos com um abraço e a professora Marisa nos orientou dizendo que seria importante nos despedirmos das turmas onde estagiamos. Sendo assim, fui juntamente com Zenaide e Joás nos despedir da turma do 8º ano. Como estava perto do final da aula, os alunos não estavam mais em sala, nela encontrava-se unicamente a professora. Avistamos os alunos no pátio e chamamos para a sala, então cada um de nós fez uma fala de despedida.

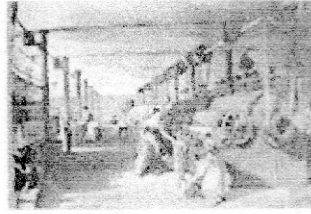
A mensagem que deixei para eles foi de agradecimento por participarem das aulas. Falei que tinham futuro como pessoas, alunos e profissionais, por isso, deveriam continuar estudando. E eu tinha certeza que um dia eles estariam estagiando como nós. Os alunos agradeceram e ficaram com um sorriso no rosto. Aproveitei o momento para agradecer a professora

Fátima pelo apoio bem como oportunidade. Perguntei à professora se a turma havia entregado a atividade sobre Revolução Industrial, disse que sim e inclusive usou como exercício avaliativo, ouvir isso foi algo extremamente gratificante para mim.

Logo depois, todos os estagiários deslocaram-se para a diretoria com o intuito de agradecer ao diretor a oportunidade concedida a todos nós. O diretor também nos agradeceu, pois o estágio chegou em um momento muito propício já que a professora Fátima teve de ausentar-se devido a problemas de saúde na família. Durante sua ausência, nós assumimos as turmas e fomos, segundo o diretor, profissionais de fato. Por fim nos despedimos dele e da escola. Desde modo, encerrou-se o meu estágio.

Apostila

História da Revolução Industrial



Interior de uma fábrica durante a Revolução Industrial

Introdução

A Revolução Industrial teve início no século XVIII, na Inglaterra, com a mecanização dos sistemas de produção. Enquanto na Idade Média o artesanato era a forma de produzir mais utilizada, na Idade Moderna tudo mudou. A burguesia industrial, ávida por maiores lucros, menores custos e produção acelerada, buscou alternativas para melhorar a produção de mercadorias. Também podemos apontar o crescimento populacional, que trouxe maior demanda de produtos e mercadorias.

Pioneirismo Inglês

Foi a Inglaterra o país que saiu na frente no processo de Revolução Industrial do século XVIII. Este fato pode ser explicado por diversos fatores. A Inglaterra possuía grandes reservas de carvão mineral em seu subsolo, ou seja, a principal fonte de energia para movimentar as máquinas e as locomotivas à vapor. Além da fonte de energia, os ingleses possuíam grandes reservas de minério de ferro, a principal matéria-prima utilizada neste período. A mão-de-obra disponível em abundância (desde a Lei dos Cercamentos de Terras), também favoreceu a Inglaterra, pois havia uma massa de trabalhadores procurando emprego nas cidades inglesas do século XVIII. A burguesia inglesa tinha capital suficiente para financiar as fábricas, comprar